

Esporotricose felina: Relato de caso

Lucyanne Silva Ferreira^{1*}, Renata Novais Mencialha²

¹Aluna da Pós-graduação Especialização em Dermatologia Veterinária da Equalis, Brasil

²Professora da Pós-graduação em Dermatologia Veterinária Equalis, Brasil

*Autor para correspondência, e-mail: lucyanne_medvet@icloud.com

Resumo. A esporotricose constitui uma micose subcutânea, local ou sistêmica, de evolução subaguda ou crônica, causada por fungos dimórficos do complexo *Sporothrix schenckii*. Possui ampla distribuição mundial, tendo maior ocorrência em condições climáticas tropical e subtropical. Acomete o homem e uma grande variedade de animais domésticos, em destaque os felinos. A infecção se dá pela inoculação do fungo na pele e tecido subcutâneo, no contato com solo e vegetais secos contaminados, por arranhadura ou mordedura do animal infectado. No estado da Bahia casos têm surgido em várias cidades, como Camaçari, Lauro de Freitas, Mata de São João, Feira de Santana, sendo que a capital baiana está atenta à expansão da doença. Em virtude do aumento da casuística em Salvador e região metropolitana e de seu potencial zoonótico, objetivou-se neste trabalho relatar um caso da infecção por *Sporothrix* em um felino, macho, castrado, sem raça definida, com 4 anos de idade, 6,1 kg, proveniente da região metropolitana de Salvador, atendido na clínica Amizade Pet, onde houve transmissão para o tutor, mas com a melhora clínica total do paciente.

Palavra Chave: Esporotricose, felino, micose, *Sporothrix*, zoonose

Feline sporotrichosis: Case report

Abstract. Sporotrichosis is a subcutaneous, local or systemic mycosis, with a subacute or chronic evolution, caused by dimorphic fungi of the *Sporothrix schenckii* complex. It has a wide distribution worldwide, with greater occurrence in tropical and subtropical climatic conditions. It affects humans and a wide variety of domestic animals, especially felines. Infection occurs by inoculation of the fungus into the skin and subcutaneous tissue, in contact with contaminated soil and dry vegetables, by scratching or biting the infected animal. In the state of Bahia, cases have emerged in several cities, such as Camaçari, Lauro de Freitas, Mata de São João, Feira de Santana, and the capital of Bahia is attentive to the expansion of the disease. Due to the increase in the number of cases in Salvador and its metropolitan region and its zoonotic potential, the objective of this study was to report a case of *Sporothrix* infection in a male, neutered, mixed-breed, 4-year-old, 6.1 kg feline from the metropolitan region of Salvador, attended at the Amizade Pet clinic, where there was transmission to the tutor, but with the patient's total clinical improvement.

Palavras chave: Esporotricose, felino, micose, *Sporothrix*, zoonose

Introdução

A esporotricose é uma micose subcutânea, subaguda ou crônica, causada por fungos dimórficos do complexo *Sporothrix*. Possui caráter zoonótico, mas afeta principalmente os felinos. É usualmente restrita a pele e ao tecido subcutâneo e de caráter benigno, entretanto, formas disseminadas podem ocorrer, sobretudo em imunocomprometidos (Larsson, 2011; Rosa et al., 2017).

A transmissão ocorre por inoculação traumática com esporos do fungo do gênero *Sporothrix* spp. a partir de seu habitat (Falcão et al., 2019). Comumente, acontece devido à mordedura e arranhadura dos

felinos contaminados, principalmente os casos zoonóticos (Cruz, 2013). Esporadicamente, a infecção esporotricótica pode ocorrer, também, por vias alternativas, tais como a aérea ou digestiva, levando à subsequente doença sistêmica (Larsson & Lucas, 2016).

O diagnóstico é realizado pela história clínica, dos sinais apresentados e dos exames complementares. Os exames mais empregados são o cito-diagnóstico, cultura fúngica e histopatológico (Larsson & Lucas, 2016). A confirmação é obtida com o isolamento do *Sporothrix* spp. a partir dos exsudatos das lesões (Araújo et al., 2020; Barros et al., 2012; Marques-Melo et al., 2014; Marques et al., 1993; Pires, 2017; Silva et al., 2015). Para o diagnóstico definitivo é necessária a cultura micológica de exsudatos, tecidos ou aspirados de lesões e isolamento do agente (Jericó et al., 2015).

Os felinos apresentam um papel importante como transmissores da esporotricose para humanos, tornando-se um problema de saúde pública no Brasil. A prevenção e controle depende do rápido diagnóstico da doença no gato doméstico, para que se interrompa a ocorrência e sua transmissão aos seres humanos (Almeida et al., 2018; Berocal & Gomes, 2020). Por se tratar de uma doença de potencial zoonótica e aumento do número de casos, o presente trabalho tem como objetivo relatar um caso de um felino com esporotricose onde teve transmissão para o tutor.

Relato de caso

Em abril de 2022, um gato, macho sem raça definida (SRD), de quatro anos de idade, castrado, semidomiciliado, com contactantes, residente no município de Camaçari, Bahia, foi atendido na Clínica Veterinária Amizade Pet com histórico de lesões no corpo, há mais de duas semanas e com evolução para outros locais. Foi tratada anteriormente, sem exames diagnóstico, com amoxicilina com clavulanato na dose de 20 mg/kg a cada 12 horas por 10 dias, sem melhora do paciente.

Na anamnese, relatou-se que o felino apresentava excesso de lambedura, surgimento de lesões disseminadas pelo corpo há mais de 15 dias, com secreção que estava incessante, odor e com difícil cicatrização.

Ao exame físico foi possível avaliar que o felino se encontrava ativo, com mucosas normocoradas, sem alteração em linfonodos, temperatura retal 38,2° C, sem demonstrar sensibilidade dolorosa em palpação abdominal. Havia lesão cutânea, granulomatosa, com presença de ulceração com ponto necrótico na região lateral do tórax (Figura 1A), outras lesões disseminadas por membro e abdômen. Com auxílio do dermatoscópio percebeu-se uma ulceração com exsudato serossanguinolento na lateral do membro torácico esquerdo (Figura 1B).

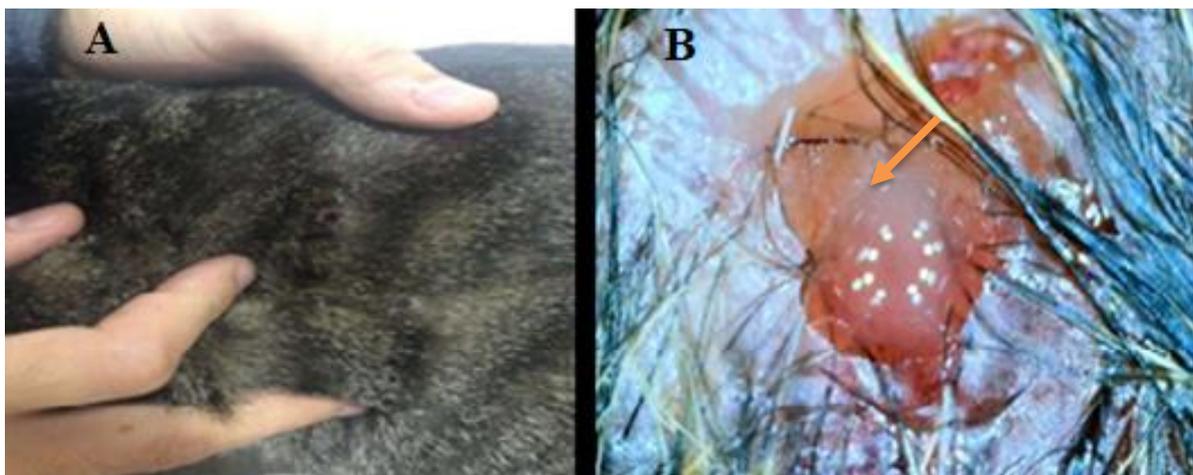


Figura 1. A. Granuloma com ponto necrótico e crosta em região lateral do tórax. B. Ulceração com exsudato serossanguinolento em membro torácico.

Para o diagnóstico de esporotricose, foi realizada citologia por *imprint* da lesão e posterior coloração com o corante panótico. Observado na lâmina quantidade moderada de estruturas leveduriformes ovaladas, arredondadas, em formato de charuto, muitas livres e outras sendo fagocitadas, grande quantidade de células inflamatórias, macrófagos, neutrófilos, bactérias do tipo cocos (Figura 2A e 2B) e leveduras compatíveis com o complexo *Sporothrix*.

Durante a consulta foi orientado quanto à suspeita de esporotricose e os cuidados com a manipulação do animal, pois o responsável estava o tempo todo manipulando o felino sem equipamentos de segurança. Recomendada a separação imediata dos contactantes. Na revisão, tutor relatou que houve surgimento de lesão nodular ([Figura 3A](#)) presente nas mãos e antebraço ([Figura 3B](#)) tendo assim transmissão zoonótica.

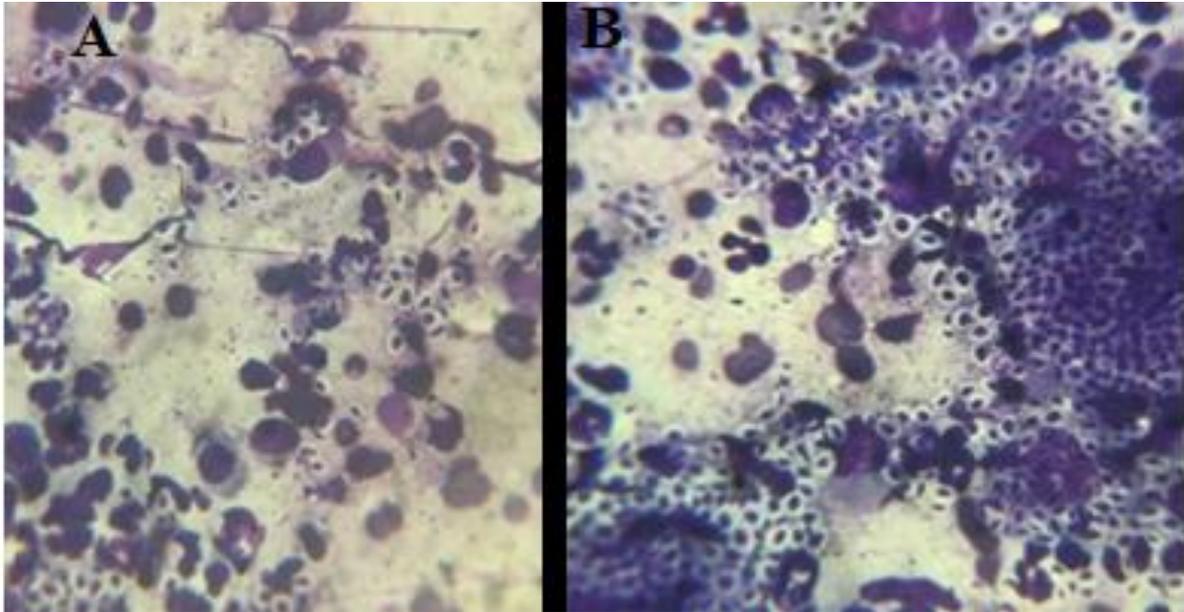


Figura 2. A. Presença de leveduras e células inflamatórias. B. Grande quantidade de leveduras compatíveis com *Sporothrix*.

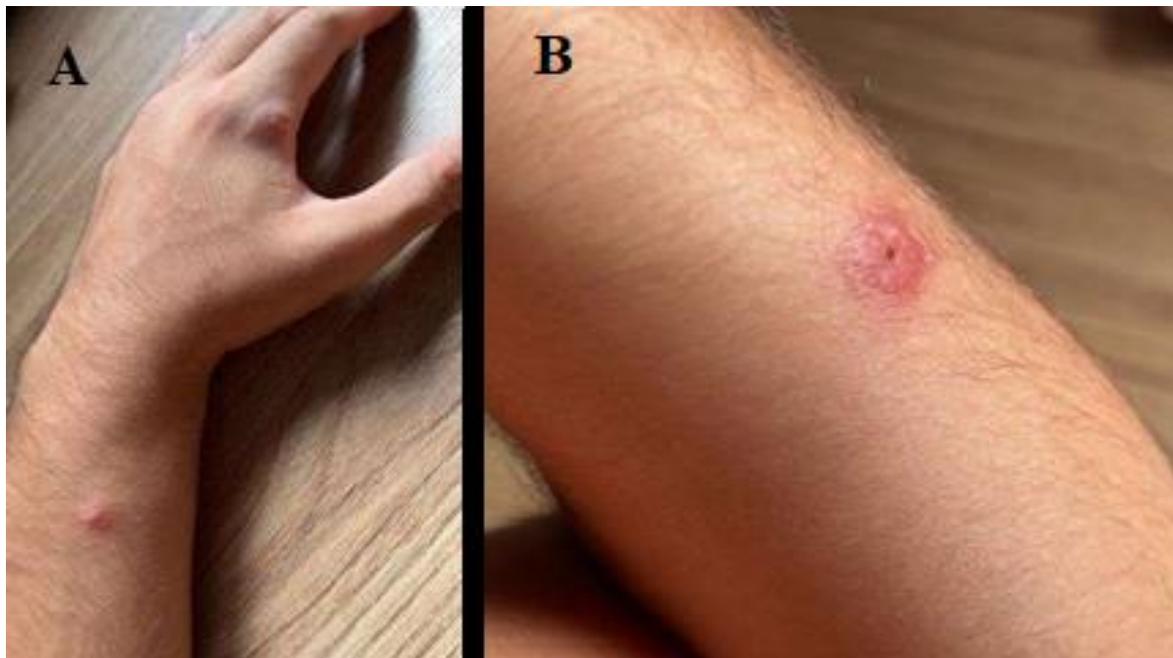


Figura 3. A. Cancro primário de inoculação(esporotricoma). B. Lesão nodulogomatosa em antebraço do proprietário do felino esporotricótico.

Discussão

O relato de caso acima descreve um caso de esporotricose cutâneo localizado, mas de acordo com Barros et al. (2010) a micose pode se apresentar também sob a forma linfo cutânea, linfática ou disseminada. Ela acomete principalmente cabeça, lombar, porção distal dos membros, sendo esses locais geralmente mais afetados durante as brigas e pelo hábito de lambedura que a espécie apresenta (Cruz, 2013).

Almeida et al. (2018) relatam que a espécie doméstica mais acometida é a felina, principalmente os gatos não castrados e que tem acesso à rua, pois fora do domicílio há a maior possibilidade de contato com o solo, com vegetais secos ou em decomposição, por arranhadura e mordedura de outros gatos contaminados (Silva et al., 2015; Silva et al., 2018).

Fungos do gênero *Sporothrix* spp. causam uma enfermidade piogranulomatosa. Eles se apresentam na forma micelial, entre 25 e 30° C. São considerados sapróbios de cascas de solos ricos em matéria orgânica e vegetação, crescendo principalmente em locais quentes e úmidos (Araújo et al., 2020; Barros et al., 2012). Vivem na forma filamentosa, após haver a inoculação no hospedeiro ou em cultivos com temperatura 37°C sofrem a transição para a sua fase leveduriforme (Cavalcanti et al., 2018; Pires, 2017; Rosa et al., 2017).

Os gatos; porém, costumam desenvolver a forma disseminada da micose, demonstrando susceptibilidade da espécie ao agente (Pires, 2017), e apresentam como principais sinais clínicos pápulas, nódulos e/ou úlceras com exsudato serossanguinolento ou hemorrágico (Jones et al., 2000). As lesões na maioria das vezes se caracterizam por áreas circulares, elevadas, com alopecia e crostas, em grande número com ulceração central, e no caso de doença disseminada, podem apresentar anormalidades oculares, neurológicas e linfáticas (Araújo et al., 2020; Marques-Melo et al., 2014; Marques et al., 1993).

Na rotina clínica veterinária o diagnóstico é realizado por análise citológica, com confecções de lâminas com *imprint* de lesões de animais doentes. Cruz (2013) afirma que este exame além de ser bastante prático, possui baixo custo para o proprietário, pois esta espécie, mais do que outras, apresenta uma elevada carga parasitária na maioria das lesões cutâneas, o que torna esta técnica muito eficiente para o diagnóstico da esporotricose felina.

De acordo com Macêdo-Sales et al. (2018) o protocolo de diagnóstico padrão ouro para doença é o isolamento por meio da cultura, que no caso relatado foi feita a cultura fúngica e após 25 dias o laudo teve resultado positivo, confirmando o isolamento de *Sporothrix* na amostra.

Assim, logo após a confirmação da doença, o animal foi isolado e iniciado terapia com o Itraconazol na dosagem de 100 mg / animal, uma vez ao dia. Após 21 dias de tratamento, o animal se encontrava com lesões não exsudativas processo de cicatrização, tendo uma resposta satisfatória a terapia. Após 3 meses, felino retornou sem nenhuma lesão, com pelos em crescimento. Não houve efeitos adversos do medicamento.

Considerações finais

Por se tratar de uma infecção zoonótica, deve-se ter o cuidado ao manuseio do animal infectado, fazendo utilização de equipamentos de proteção individual e seu responsável sendo advertido dos riscos de potencial de transmissão. Ressalta-se a importância do diagnóstico correto e futuro tratamento, já que é longo e o tutor deve estar ciente disto ao iniciá-lo. Para este, o itraconazol demonstrou um fármaco eficaz, com resposta rápida do paciente.

Referências bibliográficas

- Almeida, A. J., Reis, N. F., Lourenço, C. S., Costa, N. Q., Bernardino, M. L. A., & Vieira-da-Motta, O. (2018). Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 38(7), 1438–1443. <https://doi.org/10.1590/1678-5150-PVB-5559>
- Araújo, A. K. L., Gondim, A. L. C. L., & Araújo, I. E. A. (2020). Esporotricose felina e humana—relato de um caso zoonótico. *Revista Brasileira de Higiene e Sanidade Animal*, 14(2), 237–247. <https://doi.org/10.5935/1981-2965.20200021>.
- Barros, M. B. L., Schubach, T. P., Coll, J. O., Gremião, I. D., Wanke, B., & Schubach, A. (2010). Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. *Revista Panamericana de Salud Publica*, 27(6), 455–460.

- Barros, M. S., Ferrari, H. J., Rezende, R. S., & Faria, J. L. M. (2012). Esporotricose felina: primeiro relato de caso diagnosticado em Uberaba–Minas Gerais. *Veterinária Notícias*, 18(2), 110–120. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/S0103-84782012000500019>.
- Berocal, G. M. C., & Gomes, D. E. (2020). Esporotricose em felinos. *Revista Científica*, 1(1), 1–10.
- Cavalcanti, E. A. N. L. D., Ignácio, T. C., Kunrath, S. E., Meinerz, A. R. M., Farias, R. O., & Osório, L. G. (2018). Esporotricose: Revisão. *PUBVET*, 12(11), 1–5. <https://doi.org/10.31533/pub.v12n11a215.1-5>.
- Cruz, L. C. H. (2013). Complexo *Sporothrix schenckii*. Revisão de parte da literatura e considerações sobre o diagnóstico e a epidemiologia. *Veterinária e Zootecnia*, 20, 8–28.
- Falcão, E. M. M., Lima Filho, J. B., Campos, D. P., Valle, A. C. F., Bastos, F. I., Gutierrez-Galhardo, M. C., & Freitas, D. F. S. (2019). Hospitalizações e óbitos relacionados à esporotricose no Brasil (1992-2015). *Cadernos de Saúde Pública*, 35(4), 1–7.
- Jericó, M. M., Kogika, M. M., & Andrade Neto, J. P. (2015). *Tratado de medicina interna de cães e gatos*. Guanabara Koogan.
- Jones, T. C., D., H. R., & King, N. W. (2000). *Patologia veterinária*. Editora Manole Ltda.
- Larsson, C. E. (2011). Esporotricose. *Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science*, 48(3), 250–259.
- Larsson, C. E., & Lucas, R. (2016). *Tratado de medicina externa: dermatologia veterinária*. Interbook.
- Macêdo-Sales, P. A., Souto, S. R. L. S., Destefani, C. A., Lucena, R. P., Rocha, E. M. S., & Baptista, A. R. S. (2018). Diagnóstico laboratorial da esporotricose felina em amostras coletadas no estado do Rio de Janeiro, Brasil: limitações da citopatologia por imprint. *Revista Pan-Amazônica de Saúde*, 9(2), 13–19. <https://doi.org/10.5123/S2176-62232018000200002>.
- Marques-Melo, E. H., Lessa, D. F. da S., Garrido, L. H. A., Nunes, A. C. B. T., Chaves, K. P., Porto, W. J. N., & Notomi, M. (2014). Felino doméstico como agente transmissor de esporotricose para humano: relato do primeiro caso no estado de Alagoas. *Revista Baiana de Saúde Pública*, 38(2), 490–498.
- Marques, S. A., Franco, S. R. V. S., Camargo, R. M., Dias, L. D. F., Júnior, H., & Fabris, V. E. (1993). Esporotricose do gato doméstico (*Felis catus*): transmissão humana. *Revista Do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo*, 35(4), 327–330.
- Pires, C. (2017). Revisão de literatura: esporotricose felina. *Revista de Educação Continuada Em Medicina Veterinária e Zootecnia Do CRMV-SP*, 15(1), 16–23. <https://doi.org/10.36440/recmvz.v15i1.36758>.
- Rosa, C. S., Meinerz, A. R. M., Osório, L. G., Cleff, M. B., & Meireles, M. C. A. (2017). Terapêutica da esporotricose: Revisão. *Science And Animal Health*, 5(3), 212–228.
- Silva, E. A., Bernardi, F., Mendes, M. C. N. C., Paranhos, N. T., Schoendorfer, L. M. P., Garcia, N. O., Montenegro, H., Dias, M. A. G., Fantini, D. A., & Cardoso, V. A. (2015). Surto de esporotricose em gatos investigação e ações de controle, município de São Paulo/SP. *Bepa-Boletim Epidemiológico Paulista*, 12(133), 1–16.
- Silva, G. M., Howes, J. C. F., Leal, C. A. S., Mesquita, E. P., Pedrosa, C. M., Oliveira, A. A. F., Silva, L. B. G., & Mota, R. A. (2018). Surto de esporotricose felina na região metropolitana do Recife. *Pesquisa Veterinária Brasileira*, 38, 1767–1771. <https://doi.org/10.1590/1678-5150-pvb-5027>.

Histórico do artigo:**Recebido:** 8 de agosto de 2022**Aprovado:** 19 de agosto de 2022**Disponível online:** 26 de agosto de 2022.**Licenciamento:** Este artigo é publicado na modalidade Acesso Aberto sob a licença Creative Commons Atribuição 4.0 (CC-BY 4.0), a qual permite uso irrestrito, distribuição, reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam devidamente creditados.